



AS ROSAS E A AMBIÇÃO

Uma rosa, ao lado de um banco de praça, assistia à falência crescente e devastadora de sua cidade, e o público que assistia a isso com a mesma intensidade dela, não batia palmas, muitos menos gritava “bis”. Como a rosa, o público só se revoltava ao ver a ganância e a ambição destruindo, pouco a pouco, a noção da vida, o respeito e o amor a tal.

A rosa observa tudo e tenta achar uma explicação lógica para tantos atos de desamor e desunião, vê a exploração dos fortes sobre os mais fracos. A vontade de crescer é tamanha que nem vê que os que deveriam preocupar-se com o crescimento dela só decepcionam, enchendo os bolsos deles de dinheiro e o coração de ar; então, uma pétala cai. Restam os seres sem sensibilidade, que só conseguem ver o próximo se este forem eles mesmos.

E assim segue a humanidade evoluindo na fome, fome de poder, agindo como um pobre faminto que recebe um farto prato de comida e devora-o com imensa rapidez; o ser insensível faz o mesmo com os que vivem em sua volta, indo com uma ganância irredutível ao dinheiro e ao poder, deixando de lado a ética de ser humano. Enquanto isso, caem pétalas da rosa e ela murcha devagar com toda essa poluição humana, essa devastação da mata, mata que se chama sentimento.

Por tudo isso, hoje, rosas murcham, ou morrem, expõem-se ao ridículo só para conseguirem chegar ao poder, rosas que se deixam ser arrancadas de suas origens pra habitar terras estranhas, mas lucrativas. E a rosa, ao lado do banco, não resistiu a tantos golpes, perdeu todas as suas pétalas, que caíram ao chão junto com a honestidade e integridade humana.

Silvia Benta da Silva
1º ano do Médio / Itajaí
1997